

---

## O uso dos sites de redes sociais para mobilização. A construção do engajamento em mobilizações feministas sobre o assassinato de Marielle Franco<sup>1</sup>

Bruna Martins BULEGON<sup>2</sup>  
Maria Ivete Trevisan FOSSÁ<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria, RS

### RESUMO

Este artigo tem como proposta investigar como os movimentos feministas brasileiros utilizam o Facebook na construção e busca por mobilização em relação ao assassinato de Marielle Franco. Utilizamos os pressupostos da Análise de Redes Sociais e realizamos o mapeamento de quatro páginas de movimentos feministas. Os principais resultados apontam para uma narrativa pautada pelo ativismo, cuja construção é marcada pelo olhar não apenas de quem produz as postagens, mas também de quem vivencia situações de discriminação e de violência. Assim, investigar novas formas de atuação de mobilizações feministas no Brasil, representa alinhar-se às reflexões que incluem as lógicas das redes e o papel de contestação na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** socialização online; análise de redes sociais; comunicação digital; ativismo.

### Introdução

O contexto atual brasileiro demonstra um refluxo estrutural e social, segundo Almeida (2017), no qual há uma nova onda conservadora que está emergindo, embarcada na crise econômica e política que o país vem sofrendo. Essa onda faz uso de estratégias que envolvem o populismo patriarcal, que busca cercear as opções educacionais, políticas e sociais da presença de questões de gênero nos diversos meios comunicacionais e em políticas públicas, e controlam desde a educação até a aplicação de leis. Como exemplo, temos o processo de *impeachment* sem provas sofrido por Dilma Rousseff, a primeira presidenta eleita, bem como o veto do presidente Michel Temer a uma mudança na Lei Maria da Penha que beneficiaria as mulheres com a concessão de medidas protetivas de urgência, e o veto ao texto que propunha adicionar ao Plano Nacional de Educação a superação das desigualdades e a promoção da igualdade racial e de orientação sexual.

E, por isso, encontramos no assassinato de Marielle Franco a representatividade da vulnerabilidade do gênero feminino na sociedade. Marielle Franco, 38 anos, foi assassinada na noite de quarta-feira, 14 de março de 2018, junto com o seu motorista

---

1 Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Doutoranda da Pós-Graduação em Comunicação - UFSM, e-mail: [bruna.bulegon@gmail.com](mailto:bruna.bulegon@gmail.com).

3 Professora da Pós-Graduação em Comunicação - UFSM, e-mail: [fossa@terra.com.br](mailto:fossa@terra.com.br)

Anderson Gomes. Mulher, mãe, negra, LGBT, socióloga e da favela da Maré (RJ) são características que demarcam o papel da vereadora na política. Dessa forma, ao propor mapear o uso do site de rede social em um acontecimento que demonstra as relações criadas sobre o assassinato e sua posição de luta, buscamos perceber como foram construídos os laços e as estruturas dentro de conexões que abordam bandeiras feministas e interseccionais<sup>4</sup>. Para isso, demonstramos como as diferentes páginas declaradas como parte do feminismo brasileiro se posicionaram e como se estruturam as interações que podem exemplificar as dinâmicas existentes nas redes sociais.

O assassinato ocorreu quando ela retornava do evento “Jovens negras movendo estruturas”. Marielle foi baleada na cabeça, dentro de seu carro, por homens que estavam em outro veículo e atiraram pelo menos nove vezes. Marielle foi a quinta vereadora mais votada do Rio de Janeiro, com um número alto de eleitores (46 mil votos) para sua primeira candidatura. Colocava-se como representante da favela e defendia os direitos humanos e o feminismo. Sua atuação na câmara envolve projetos para as pautas que defendia, como, por exemplo, um projeto que garantiria creches a mulheres que estudam ou trabalham à noite.

O crime ocorreu após Marielle criticar a intervenção federal na Segurança Pública do Rio de Janeiro<sup>5</sup>. A vereadora havia assumido a posição de relatora da comissão da Câmara Municipal que acompanharia o funcionamento das tropas do Exército Brasileiro durante essa intervenção. Marielle também tinha publicado recentemente em seu perfil um texto no qual tratava do abuso de autoridade da Polícia Militar com os moradores de um bairro carioca. O assassinato de uma política e ativista social gerou rapidamente repercussão em diferentes órgãos internacionais, que demonstraram em notas posicionamentos condenatórios ao fato ocorrido, cobrando investigação. Entre as instituições que se pronunciaram, temos a Anistia internacional<sup>6</sup>, a Human Rights Watch<sup>7</sup>, e a Organização das Nações Unidas (ONU)<sup>8</sup>. Houve manifestações públicas nas ruas cobrando justiça durante a investigação. A repercussão por parte de instituições nacionais e internacionais que lutam por direitos humanos e

---

4 Este artigo é parte da dissertação defendida no curso de Pós-Graduação em Comunicação – UFSM em janeiro de 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/17393>

5 <https://www.facebook.com/MarielleFrancoPSOL/posts/544774959241434>, exemplo e última postagem realizada por Marielle

6 <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2018/03/brazil-authorities-must-investigate-the-killing-of-human-rights-defender-marielle-franco/>

7 <https://www.hrw.org/pt/news/2018/03/15/315839>

8 <https://nacoesunidas.org/sistema-onu-brasil-divulga-nota-sobre-assassinato-da-vereadora-marielle-franco/>

---

igualdade, assim como as manifestações nas ruas demonstram a importância do fato ocorrido e como este assassinato revela a violência sofrida por ativistas sociais que lutam pela causa das minorias. Por meio do acontecimento pesquisamos como o uso da plataforma Facebook é uma forma de gerar engajamento no ativismo feminista.

### **Sociedade em rede e espaço de cidadania**

A sociedade em rede estabelece e constrói o envolvimento sócio-histórico das potencialidades dos processos comunicacionais a partir da ascensão da individuação, do espaço de fluxos e o tempo intemporal (Castells, 2018). Nas relações construídas nas interações nas redes sociais na ambiência digital, há uma construção de autonomia de atores sociais, que utilizam da rede para amplificar a capacidade de se tornarem sujeitos ativos do processo comunicacional.

É por meio dos processos comunicativos digitais que novas combinações na sociedade e espaços de fluxo se formam, como o caso dos sites de redes sociais. Ao analisar a interação entre poder e contrapoder, tem-se que essas relações são construídas nas relações de comunicação e utiliza de fluxos informacionais, percebendo na interação o papel primordial para funcionamento deste processo, pois fundamenta o comportamento cultural e social. “Isso acontece porque as tecnologias de redes digitais permitem que indivíduos e organizações gerem seus próprios conteúdos e mensagens e o distribuam no ciberespaço, evitando amplamente o controle de corporações e burocracias” (CASTELLS, 2017, p.30). Com isso, as mudanças principais baseiam-se na individuação e na interligação em rede.

De acordo com Harvey (2008, p.112), há uma perspectiva de reconhecer a autenticidade de outras vozes, que cria um “gueto de alteridade opaca, da especificidade de um ou outro jogo de linguagem”. O acesso ao espaço de expressão de minorias está circunscrito num constante embate entre as relações de poder assimétricas construídas histórica e simbolicamente por uma hegemonia, que priva ou nega o espaço de autonomia.

Contudo, na sociedade em rede, temos propriedades que refletem em transformações na expectativa social sobre governos e suas formas de representatividade, há uma espera de proteção estatal e, em paralelo, uma busca por construir uma ambiência diferente de política, desconectada de uma institucionalidade que impõe, o que acarreta em uma movimentação contínua por autonomia e contrapoder. O que advém de uma fragmentação que alimenta a afirmação de que a

---

segmentação de um agir em sociedade não seja necessariamente cristizador de interesses de apenas uma pequena parcela que está nas relações assimétricas de poder. Estamos tratando de um espaço de cidadania que utiliza o meio digital como potencial legitimador e um espaço de participação por atores sociais ou por ações coletivas.

Assim, é possível perceber um emergente processo de engajamento e ativismo com a tendência de crescer nas redes em ações coletivas com sustentações ideológicas e políticas. O processo de individuação na sociedade pós-moderna também compõe esse cenário, temos nos ativistas o potencial de luta por direitos e também a busca por reconhecimento. Dessa forma, os indivíduos em interação não escolhem por anular a sua vida em função de uma única luta, mas optam por estar em uma multimodalidade que assume diferentes papéis em mobilizações, sem seguir rotinas que podem se tornar fixas ou institucionalizadas e tem como maior ferramenta as interações da conectividade.

Conforme Di Felice (2013), as redes de ação e atores sociais desenvolvem-se frente a uma complexidade de relações.

Essa possível interpretação das qualidades reticulares das interações que se desenvolvem nesse breve conto resulta uma contribuição fértil para pensar as qualidades da complexidade das ações que desenvolvemos cotidianamente nas redes digitais, conectados a dispositivos, circuitos elétricos, bancos de dados e às demais pessoas por suas vezes também conectadas a dispositivos, circuitos elétricos, bancos de dados e às demais pessoas. (DI FELICE, 2013, p.269)

Os atores sociais têm como função revelar e estar à frente de projetos interligados a problemas de uma cultura ideológica e assumem função simbólica ao deixar vestígios de sua presença na rede. “Eles lutam por projetos simbólicos e culturais, por um significado e uma orientação diferentes da ação social. Eles tentam mudar as vidas das pessoas, acreditam que a gente pode mudar nossa vida cotidiana quando lutamos por mudanças mais gerais na sociedade” (MELUCCI, 1989, p.59). No entanto, ressaltamos que o ator social não luta sozinho, atua em uma rede de articulação. Os atores são os sujeitos que formam e participam da estruturação da rede social. Eles são caracterizados por ser agentes no uso das tecnologias digitais, através de ferramentas mediadas pelos sites de redes sociais.

### **Ativismo digital**

Em Ugarte (2008), o autor determina o ativismo digital enquanto uma forma de expressão de ativismo ligada ao embate por visibilidade dentro de esferas de

---

programações pré-determinadas pela rede. Como uma estratégia que busca por mudanças na agenda pública e que utiliza de três meios para fundamentar-se: o discurso enquanto aquele que permite criar uma identidade dentro de uma união de desconhecidos, o uso de ferramentas, como as plataformas que suportam redes sociais, para impulsionar a capacidade de alcance dos nós na rede e a visibilidade como o objetivo desse ativismo.

A interação está no centro das bases do ativismo digital, visto que no pelo compartilhamento simbólico, pelo desenvolvimento e na prática de estratégias que temos caracterizadas a possibilidade de reciprocidade. Significa dizer que as redes sociais são mantidas pela interação, que são as conexões, o entre-nós, as pontes que interligam e se dão como um processo de comunicação dos indivíduos na sociedade. Um processo que se dá em um fluxo de retroalimentação, pois, enquanto o indivíduo forma a rede, ele também molda suas conexões por meio das regras e possibilidades já presentes nessa teia, que são as programações da rede.

Há um espaço de autonomia que está nessa ligação dos movimentos sociais ao estarem em interação, tanto nas redes digitais, quanto na ocupação de áreas, protestos e ações coletivas. Tais espaços foram multiplicados com a estrutura da sociedade em rede, na qual a globalização e os fluxos informacionais pela internet contribuem para processar conexões em diferentes lugares, por um público com diversidades de níveis econômicos e de acesso ao conhecimento. Temos um compartilhamento de espaços de expressão, mobilização e um acesso à representatividade das diversidades.

O ativismo digital potencializa, dessa forma, a construção do espaço de cidadania na qual os sujeitos podem tornar-se atores sociais, na medida em que passam a ter acesso a essa rede, e conseguem criar processos de comunicação que escapem das mensagens pré-construídas moldadas pela grande mídia. A definição de Di Felice (2013) aborda como a forma de fazer os usos dos recursos de Internet o suporte dos movimentos, tanto globais quanto locais, utilizam essa arquitetura de fluxos de informação para buscar difundir informação e promover a discussão de ideias de maneira coletiva e propor ações partindo dos diálogos construídos em rede.

Recuero (2009) destaca que as redes sociais na internet são agrupamentos instituídos de forma complexa por meio de interações que têm como base os usos das tecnologias digitais de comunicação. Dessa maneira, os processos comunicacionais que

---

são mediados pelo uso dos fluxos de informação das tecnologias em rede criam um ambiente convidativo à articulação dos sujeitos e atores sociais em rede.

### **Redes de mobilização feminista**

Segundo Louro (1997), o feminismo pretende realocar o debate para o campo social, pois é onde as relações de poder desiguais são reproduzidas e no qual devemos buscar compreender e combater nas disposições sociais, nas construções históricas e nas condições de acesso aos recursos, como nas formas de representações sobre papéis na sociedade. E devemos compreender o feminismo como:

O processo desconstrutivo permite perturbar essa ideia de relação de via única e observar que o poder se exerce em várias direções. O exercício do poder pode, na verdade, fraturar e dividir internamente cada termo da oposição. Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de várias classes, raças, religiões, idades, etc. e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos, perturbando a noção simplista e reduzida de "homem dominante versus mulher dominada". Por outro lado, não custa reafirmar que os grupos dominados são, muitas vezes, capazes de fazer dos espaços e das instâncias de opressão, lugares de resistência e de exercício de poder. (LOURO, 1997, p. 33)

Ainda, é necessário ressaltar a emergência de constituir dentro do feminismo diálogos que possam ser transversais e incluir identidades diferentes, de diversas religiões, nações, raça e classe social. O papel desse ativismo feminista está em criar espaços que possam trazer oportunidades de emancipação aos interesses estratégicos para uma transformação social. Temos, dessa forma, na interseccionalidade, um cruzamento e sobreposições que partem de minorias e estão identificadas em oposição a uma hegemonia que oprime, explora e exclui diferentes indivíduos na sociedade.

Ao perceber o espaço possível de compartilhamento, engajamento e visibilidade que o ativismo feminista brasileiro encontra nas redes sociais, podemos identificar, após uma pesquisa exploratória, que, além de páginas com descrição ou nome que envolva as palavras “feminismo e feminista”, temos também um forte uso de *hashtags*, o que contribui diretamente para ampliar a mobilização nas redes. A escolha dos objetos empíricos desta pesquisa foi feita de forma intencional, com o objetivo de contemplar a presença dos movimentos feministas brasileiros presentes e ativos no Facebook. A partir da busca com palavras chaves como “Feminismo” e “Feminista”, tivemos como resultado mais de 100 páginas ativas na plataforma. Refinamos os resultados para páginas que se mantinham ativas ao longo de sua presença na plataforma e chegamos ao número de 45 páginas. Após, elencamos algumas páginas e as selecionamos por meio

das informações disponíveis sobre o número de seguidores, além de haver na descrição ou nome da própria página o seu posicionamento e como se via como representante de algumas vertentes do feminismo. Selecionamos para esta pesquisa: “Não Me Kahlo”, “Feminismo Sem Demagogia – Original”, “8M Brasil” e “Feminismo Radical didático”.

E, segundo Ferreira (2015) há uma relação entre feminismo, tecnologia e internet que consegue incluir discursos políticos produzidos pelas trocas simbólicas e novas significações sobre códigos normativos ligados aos usos de gênero e mulheres. Ainda, a autora explica que,

[...] o uso da internet se dá como forma de tradução de termos, ideias e lutas, apostando na eficácia dessa atuação sem considerar os feminismos como consequência de uma consciência prévia e com a finalidade de atrair mais jovens ou ainda deixar mais claro o uso de determinados conceitos, temas e/ou “palavras de ordem”. (FERREIRA, 2015, p. 211)

Dessa forma, percebemos que há uma busca do ativismo feminista de ocupar espaços de resistência utilizando a plataforma de site de rede social Facebook, fazendo um uso das possibilidades de interações e apropriando-se das ferramentas na busca por engajamento.

### **Análise de redes sociais**

O mapeamento dos dados da estrutura da rede foi realizado por meio da abordagem da Análise de Redes Sociais (ARS) que tem sua escolha justificada pela pesquisa dos usos dos Sites de Redes Sociais (SRS) como ferramenta de comunicação, nos quais as informações presentes ficam disponíveis com acesso aberto aos dados. O site de rede social, ao estender a capacidade dos nós (os movimentos feministas como atores sociais), constitui uma rede de elementos dinâmicos, que são novos usos que emergem do coletivo.

As plataformas se dão como ponte de manutenção de redes sociais preexistentes e possuem a capacidade de agregar diferentes indivíduos a conectarem-se em uma base que tem construções simbólicas e interesses compartilhados. Conforme Boyd e Ellison (2007),

We define social network sites as web-based services that allow individuals to (1) construct a public or semi-public profile within a bounded system, (2) articulate a list of other users with whom they share a connection, and (3) view and traverse their list of connections and those made by others within the system. The nature and nomenclature of these connections may vary from site to site. (BOYD E ELISSON, 2017, p 211)

---

Assim, os SRS são plataformas que permitem visibilidade e formas para que as redes sociais se articulem no espaço digital, temos uma apropriação pelos atores do sistema pelas interações e também uma estrutura que auxilia no processo de fluxo comunicacional. O uso desse tipo de SRS vem num contínuo crescimento, com multiplicidades e inovações para uma manutenção do usuário, assim como a busca de novos membros. A escolha por trabalhar com um SRS se deve ao fato de que, em plataformas como o Facebook, os atores sociais têm a possibilidade de reagir a manifestações que são contrários, assim como apoiar quanto sentem-se parte das interações. No uso da plataforma como uma ferramenta para amplificar, repercutir e partilhar suas manifestações em rede, há disseminação e aumento do alcance de publicações, comentários que demarcam posicionamentos e podem gerar engajamento em novas conexões como a mobilização feminista.

A plataforma escolhida para análise foi o SRS Facebook, devido à sua popularidade, acesso gratuito e configuração de público diversa entre regiões geográficas e classes econômicas. A plataforma possui opções de perfis, páginas, grupos, eventos, aplicativos e jogos. Para iniciar neste SRS, o usuário precisa fazer um cadastro, que inclui a descrição de dados pessoais e uma foto, obtendo um perfil para interagir nesta rede. Cada membro pode adicionar vídeos, fotos, enviar mensagens e interagir em postagens. As postagens realizadas por outros perfis que podem ser individuais ou em páginas como uma forma de perfil coletivo ou organizacional, forma uma linha do tempo no *feed* de notícias.

Para realizar a coleta dos dados desta pesquisa, optamos pela utilização de sistemas que auxiliam na busca e organização dos dados advindos dos SRS. Assim, optamos por utilizar na mineração os softwares NodeXL Pro e Gephi. O primeiro é uma interface ligada a planilhas da plataforma Excel e proporciona coleta dos dados em diferentes SRS. Esse programa organiza os dados na forma de matriz e possui uma interface familiar e acessível por rodar no Excel. No entanto, limita-se a poucos algoritmos para interpretação e geração dos grafos. O segundo programa, chamado Gephi, é uma ferramenta gratuita que disponibiliza um grande número de *plugins*, desenvolvidos para auxiliar as interpretações e mineração dos dados, possui algoritmos de interpretação de dados de rede mais complexos. Também utilizamos um aplicativo disponível dentro do próprio Facebook, o NetVizz que se dedica à coleta de dados de páginas no Facebook e que permite a exportação destes em formato de tabelas quando



---

originários de páginas, perfis e *links* (.tab) e em formato de grafo (.gdf) referente à compreensão da rede que cada página construiu em interações.

### **Resultado e análise dos dados minerados**

As páginas selecionadas: Coletivo Feminista Não Me Kahlo<sup>9</sup>, com característica de um feminismo interseccional e possui 1.243.656 curtidas – em sua descrição aborda que busca combater o machismo na sociedade, com o entrelaçamento de outros demarcadores sociais e históricos além da questão de gênero, como raça e classe; Feminismo Sem Demagogia – Original<sup>10</sup> que segue a vertente do feminismo marxista e tem 1.070.062 curtidas - demarca seu posicionamento ao compreender a interligação entre as questões de feminismo e classe e apresenta-se como parte da vertente marxista; 8M Brasil<sup>11</sup> interligada ao movimento da Marcha Mundial das Mulheres (Greve das Mulheres) e participar de mobilizações sociais, que iniciam na interação pelo Facebook e confluem na presença em manifestações nas ruas e tem 31.786 curtidas e a página Feminismo Radical Didático<sup>12</sup>, que tem 49.514 curtidas e estava em sua descrição e publicações se declarava por ter interesse em ensinar sobre o feminismo radical. Esta vertente aborda uma proposta diferente de outras do movimento feminista, pois defende que é preciso pensar em uma mudança na sociedade que vá além da reforma e que busque construir uma nova da sociedade. Posiciona-se contra a objetificação sexual das mulheres (contra a prostituição e pornografia) e manifesta uma posição excludente com relação à transexualidade.

Por meio do processo de pesquisa e análise dos dados disponíveis na plataforma Facebook, encontramos como resultado de engajamentos nas postagens realizadas nas datas de 14 e 15 de março:

---

9 Disponível em: <https://www.facebook.com/NaoKahlo/>.

10 Disponível em: <https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/>.

11 Disponível em <https://www.facebook.com/GrevedeMulheres/>.

12 Disponível em <https://www.facebook.com/feminismoradicaldidatico/> . Acesso em fevereiro de 2019.

A página foi desativada

**Gráfico 1 - Dados obtidos pela mineração das informações**

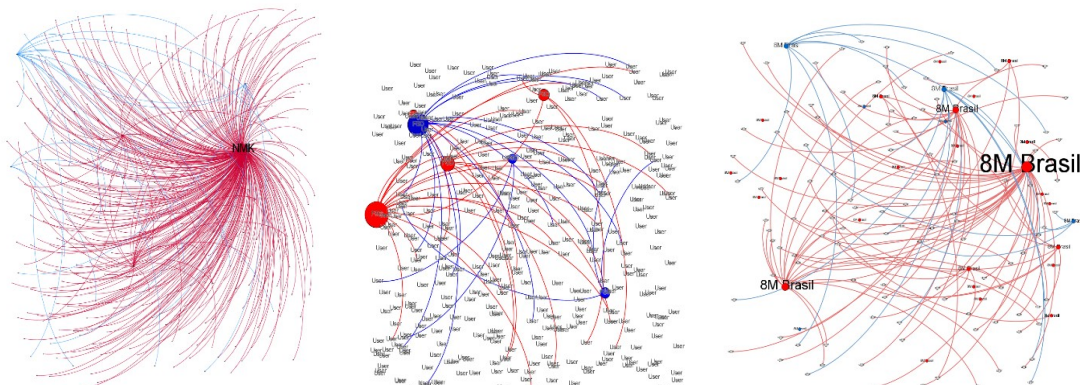
ENGAJAMENTO <span>36.552</span>						
	PUBLICAÇÕES	COMENTÁRIOS	COMPARTILHAMENTOS	REAÇÕES		
NÃO ME KAHLO 18.990	07	424	3.920	5.039	91	9.607
FEMINISMO SEM DEMAGOGIA 5.580	07	51	684	1.944	145	2.881
8M BRASIL 12.002	30	107	2.405	3.797	324	5.693
FEMINISMO RADICAL DIDÁTICO - 0						

Fonte: elaborado pela autora por meio dos dados coletados das páginas nos dias 14 e 15 de março de 2018

Podemos perceber que na página do Feminismo Radical Didático não houve retorno de nenhuma postagem nestes dias. E, mesmo ampliando em relação a todo o mês de março não localizamos postagens que envolvessem a temática do assassinato de Marielle Franco.

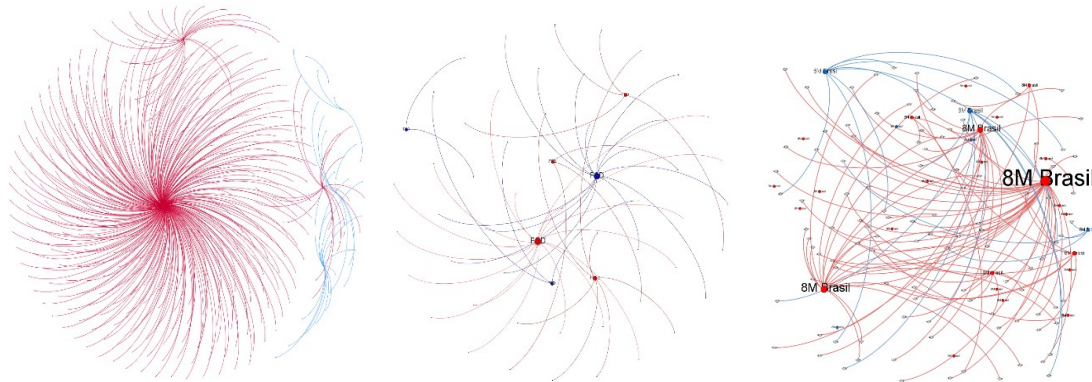
Após a coleta dos dados, aplicamos a ARS e utilizamos as medidas da centralidade do nó, de acordo com Recuero (2014; 2017) e a medida de grau de nó que representam o número de conexões que ele possui. Dessa forma, utilizamos a métrica de grau de saída (*outgree*) e também a centralidade *eigenvector*, que trata da influência do nó na rede, responsável por examinar e quantificar a estrutura e conexões da rede por meio da avaliação dos nós. Essa métrica leva em consideração as conexões de um determinado nó e como conexões de outros nós próximos a ele se conectam, compreendendo a relevância do nó. Nos gráficos as postagens em referência ao assassinato estão marcadas em vermelho enquanto outras temáticas estão em azul.

**Gráficos 2- Grau de saída do nó Não Me Kahlo, (2) Feminismo Sem Demagogia – Original e (3) 8M Brasil**



Fonte: gráfico elaborado pela autora com o aplicativo Gephi

**Gráfico 3 - Grau de centralidade (eigenvector) (1) Não Me Kahlo (2) Feminismo Sem Demagogia – Original e (3) 8M Brasil**



Fonte: gráfico elaborado pela autora com o aplicativo Gephi

A construção dos gráficos 02 foi realizada por meio de três escolhas na construção do grafo ao utilizar os dados minerados. A primeira questão foi utilizar a métrica de grau de saída do nó que é relativa ao número de conexões que cada postagem (nó) e foi possível perceber que as conexões realizadas pelas postagens que envolviam a temática eram mais representativas, significa que essas construções em torno da publicação buscam construir outros caminhos nas redes e interações (laços) mais densos. Ainda, o tamanho de cada nó também é relacionado ao seu grau de saída, destacando assim uma publicação. E, o algoritmo utilizado para dar estrutura a rede é o Force Atlas 2, que afastam os nós e os atrai por suas conexões.

Na página Não Me Kalho, entre os dois dias, gerou um engajamento total de 18.990 que significa 5.039 curtidas, 9.607 reações, 424 comentários e 3.920 compartilhamentos. No entanto, apenas três das sete postagens envolviam o assunto do assassinato de Marielle Franco. E, mesmo assim, enquanto envolvia o assunto gerou e 70,96% da interação realizada entre a página e os usuários, mesmo ele aparecendo em menos da metade do número de postagens. As três publicações mais curtidas apresentaram um link e outras duas utilizam uma foto no corpo do *post*. A postagem com maior engajamento demonstra que a estrutura da rede foi utilizada partindo de duas proposições: ao utilizar foto e texto, buscando demonstrar um posicionamento forte em relação ao fato, ao mesmo tempo em que utiliza do link para mobilizar para a participação nas ruas. A publicação possui coesão entre as palavras acerca do acontecimento, classificando-o como assassinato e usando as características de gênero feminino para reforçar uma identidade entre mulheres. Há também uma busca pela

---

construção de integração no posicionamento referente ao assassinato, “em luto”, que envolve sentimentos de identificação entre as mulheres dentro do contexto da rede.

Na página Feminismo Sem Demagogia, os gráficos mostram que mesmo as postagens utilizando o tema sobre Marielle serem apenas um pouco mais que a metade (4 do total de 7), ainda gerou um número superior de engajamento, principalmente, com um alto valor de diferença se comparado com as outras temáticas. Assim, a visibilidade construída na rede social pela página se deu por meio por envolver assuntos e notícias que abordam o que está ocorrendo no momento atual, mas ainda sob a ótica feminista, já que faz demarcações ao longo de suas postagens sobre compreender como o fato ocorreu também por questões que envolviam gênero, raça e classe. Pelos grafos, foi possível perceber que temos uma rede com menos densidade entre as postagens (diferente da página anterior) e que as interações fizeram com que não tivéssemos apenas uma postagem em destaque, mas que mesmo assim, as que utilizam do contexto sobre o assassinato se sobressaem na rede. Não há publicações na periferia deste grafo, significa que os laços se tornaram mais fortes dentro desta página, pois há uma ideologia que interliga os seguidores pela escolha da vertente do feminismo marxista. Há maior densidade das interações. A publicação com maior engajamento é formada apenas por uma imagem com texto dentro.

Na página selecionada 8M Brasil, durante os dois dias selecionados para análise, encontramos um número maior de postagens (30 e sobre a temática de Marielle Franco foram 23). Torna-se possível estabelecer uma diferença em relação às demais por ter um número maior de publicações em comparação às páginas que tem maior número de curtidas. Percebemos que os laços se distribuem na estrutura a rede, as interações são as conexões que traçam caminhos entre os nós, no qual temos uma força de atração não tão densa enquanto outros gráficos e nem a centralização das publicações. O centro da estrutura está demarcado pela presença dos seguidores como fonte de relevância. Os nós centralizados (em vermelho) significam que as publicações que abordam o assassinato da vereadora possuem mais relevância na rede e que há nós sem interações que são os laços não criados pelas publicações com os seus usuários, apesar dos seguidores acompanharem a rede, não houve uma interação mais densa. No entanto, há uma proporção direta do número de postagens e interações. Relacionando-se, dessa maneira, a importância das páginas envolverem as questões de conflitos e notícias, ainda na data ou próximo do acontecimento como forma de gerar mais interações. Demonstra que

---

existe uma resposta por parte das seguidoras em perceber a relevância do fato ocorrido e buscar caminhos de mobilização em ações coletivas.

Destacamos que no silenciamento da página Feminismo Radical Didático é possível perceber um posicionamento claro em relação à morte de Marielle. Possivelmente por estar vinculado uma vertente que não compreende a diversidade relativa ao gênero, observa-se uma exclusão de posicionamento em relação ao feminismo e os grupos LGBTQ+. A política do silêncio será aprofundada nos usos das estratégias discursivas. Percebendo assim, traços da fragmentação característica da sociedade atual, segundo Harvey, sobressaindo-se ainda por um viés excludente em relação ao movimento feminista.

### **Considerações**

É preciso compreender a importância de potencializar o papel do feminismo na sociedade para colocar-se no embate contra políticas não democráticas e que não buscam igualdade e legitimação entre as diversas identidades que permeiam o Brasil. Os problemas enfrentados pelas mulheres partem de uma vivência cotidiana que têm suas raízes em uma história de exclusão e sub-relação entre os gêneros. Os sites de redes sociais são um espaço a ser ocupado para operar ferramentas de luta por igualdade social. É preciso articular a interação para enfrentar o conservadorismo já colocado em uma memória discursiva, como esta ressurgência de retração de direitos.

Ainda, as publicações compreendidas nesta pesquisa que possuíam maior engajamento envolviam diretamente a publicação de uma imagem, seguidas das postagens com links. Esse resultado demonstra um recurso passível de apropriação, porque, na linha do tempo, entre várias outras publicações e diversas páginas e perfis, ganha destaque a postagem formada por uma imagem e que busca uma forma de criar uma ligação com os interagentes da rede. Os usos de recursos para buscar interação se deram através de perguntas, identificações por meio de contar histórias, relatar notícias e fazer comentários a partir dela.

Ressaltamos alguns obstáculos de apropriação e utilização dos programas para construirmos a ARS na execução da pesquisa devido a fatores como a constante troca de política de segurança e privacidade do Facebook<sup>13</sup>. O uso *software* de análise

---

13 Após as alterações da API (Application Programming Interface) em 5 de fevereiro de 2018, vários recursos foram removidos do módulo de página; contagens de reação foram adicionadas às estatísticas básicas para o módulo de página.

---

quantitativa significou a interpretação de dados e tabelas das informações mineradas no SRS e os limitadores envolvem a capacidade de operação do computador para gerar os grafos e o tempo necessário para que a leitura fosse construída, assim como compreender o funcionamento dos programas e seus algoritmos no prazo de execução desta pesquisa.

Os movimentos feministas percebem que a mobilização passa pelo uso e apropriação das programações da rede, pois ela permite convocações às manifestações nas ruas e disseminação de informações. Além disso, cria uma via alternativa aos veículos de comunicação de massa e um espaço de participação e compartilhamento, que faz com que cada indivíduo possa tornar-se parte de uma coletividade na rede e com autonomia na busca de lugar contra um posicionamento hegemônico e patriarcal. Com o aprofundamento de mais pesquisas sobre o movimento no contexto atual, teremos uma demonstração de como está estruturada a mobilização feminista brasileira e a importância de posicionar-se frente à luta hegemônica. Também, percebemos a necessidade de incluir uma etapa de mapeamento de redes sociais que forneçam como as páginas selecionadas se interligam e proporcionam ou não interação entre usuários ou até mesmo com outros movimentos externos.

### **Referências bibliográficas**

AGUIAR, Neuma. **Patriarcado, sociedade e patrimonialismo**. Soc. estado., Brasília , v. 15, n. 2, 2000

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. Cad. Pagu. 2017, n.50, Jun 26, 2017.

BOYD, D.; ELLISON, **Social Network Sites: Definition, history and Scholarship**. Journal of Computer-Mediated Communication 13(1):210–230, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **O poder da comunicação**. São Paulo: Paz e Terra. 2ed. 2017.

\_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **O poder da identidade.** Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Ruptura: A crise da democracia liberal.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

DI FELICE, Massimo. **Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares.** Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura (on-line). Salvador, v. 11, n. 02, p. 267–283, 2013

DI FELICE, Massimo (org). **Do público para as redes: A comunicação digital e as novas formas de participação social.** São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2008.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel e AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997

MELUCCI, Alberto. **Um objetivo para os movimentos sociais?** Lua Nova, São Paulo , n. 17, p. 49-66, Jun.1989.

\_\_\_\_\_. **Challenging codes collective action in the information age.** Cambridge: Cambridge. University Press, 1996.

RECUERO, Raquel. **Contribuições da Análise de Redes Sociais para o Estudo das Redes Sociais na Internet: O caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma.** Revista Fronteiras (Online): Vol 16, p.1, 2014.

\_\_\_\_\_. **Introdução à análise de redes sociais online.** Salvador: EDUFBA, 2017.